
O caráter da paisagem carioca

EURAU'12

ABSTRACT. How can we understand the landscape without the perception of the several layers that compose it? Those layers are built through the interpretation of nature, culture and memory, and then, when shared by the community, are able to create a common character, a relational link.

Rio de Janeiro is seen as "the marvelous city" because create this shared perception of the different layers that form its landscape, which is reflected in the connection between nature, city and local memory.

The natural landscape has always had a definite role in the development of the city, giving unique characteristics. Its maintenance favored the visual diversity and valued local permanencies even after the intense process of intervention.

Rio's landscape built its collective character within this harmonic tension between man and nature. The main symbols of culture and memory are just located in that point of tension, one of those: the Slums.

KEYWORDS. Landscape character, Rio de Janeiro, Slums, UNESCO, Heritage, Olympic games

André Luiz Pinto*

* Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo – Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto
Via Panorâmica, s/n, 4150-755 Porto, Portugal. pda10002@arq.up.pt
+351 226 057 100

1. Introdução

É possível perceber, cada vez mais, o crescimento significativo do papel de relevância dado à questão da paisagem e de sua relação com o desenho das cidades.

Surge, mesmo que por vezes lentamente e de forma equivocada, um novo olhar, uma nova objetiva, que reposiciona a importância da paisagem em toda a sua complexidade e escala, na construção e preservação das cidades. Cada vez mais o entendimento é de que *“uma cidade não é um ambiente de negócios, um simples mercado onde até a sua paisagem é objeto de interesses económicos lucrativos, mas é, sobretudo, um ambiente de vida humana, no qual se projetam valores espirituais perenes, que revelam às gerações por vindouras a sua memória.”* (SILVA, 1997:274). Esta nova visão que se constrói, nos diz que paisagem é também a relação entre o homem e a natureza, logo, é cultura.

Este artigo¹ pretende acrescentar novos dados ao debate crescente sobre este tema. Define como estudo de caso a cidade do Rio de Janeiro, Brasil. A escolha dá-se pela reconhecida relação estreita entre a formação da identidade carioca e a construção do caráter da paisagem local. Ligação que é ratificada em 1908, com o título de “Cidade Maravilhosa” dado por Coelho Neto, eternizado na marcha de carnaval composta em 1935 por André Filho, e que se tornou hino oficial da cidade.

Pretende-se nesta oportunidade de debate deixar emergir questões relacionadas ao entendimento do que forma o caráter desta paisagem complexa, indicando tensões inerentes à construção dela própria, através de exemplos que permitem observar a dificuldade existente no entendimento de que a paisagem é mais do que apenas uma figuração idealizada.

Três exemplos importantes e atuais serão abordados no decorrer do texto, nomeadamente as Favelas sob uma nova “objetiva”, a candidatura e realização dos Jogos Olímpicos de 2016 e a utilização da paisagem como elemento fundamental de sedução e convencimento da qualidade e possibilidades da cidade; e a recente candidatura da cidade a Património Cultural da Humanidade da UNESCO (*United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*), que tem como principais propositores o Instituto do Património Histórico e Artístico Nacional, Ministério do Meio Ambiente, Governo do Estado do Rio de Janeiro, Prefeitura da cidade e Fundação Roberto Marinho. Nesta última podemos observar um entendimento até certo ponto equivocado do que constitui o caráter da paisagem carioca, induzido por um certo “oportunismo da paisagem”.

2. O caráter da paisagem

“Para quem chega ao Rio de Janeiro por mar, ao longo da costa, que corresponde à entrada da baía, as montanhas dão a ilusão de monumentos preexistentes, como a sucessão de relevos que da Pedra da Gávea chega até o Pão de Açúcar. O perfil desses elementos destaca-se contra o céu, assumindo a imagem de um gigante deitado, escultura atribuída a artífices de tribos desconhecidas, inspiradora de contos míticos e reproduzida por vários artistas maravilhados pela perfeição dessa obra-prima da natureza.” (CHIAVARI in MARTINS, 2000:67)

Na década de 50, a poetisa americana Elizabeth Bishop cunhou a frase: *“O Rio de Janeiro não é uma cidade maravilhosa, é uma paisagem maravilhosa para uma cidade.”* (apud DAFLON, 2011)

A paisagem de uma cidade é muito mais do que o que se representa nos cartões postais, "é algo criado pelos homens, é uma forma de apropriação da natureza. A categoria paisagem, porém, tem um caráter específico (...). É definida como sendo uma unidade visível do território, que possui identidade visual, caracterizada por fatores de ordem social, cultural e natural, contendo espaços e tempos distintos; o passado e o presente. A paisagem é o velho no novo e o novo no velho! (...) dela fazem parte o relevo, a orientação dos rios e córregos da região, sobre os quais se implantaram suas vias expressas, o conjunto de construções humanas, a distribuição de sua população, o registro das tensões, sucessos e fracassos da história dos indivíduos e grupos que nela se encontram. É nela que estão expressas as marcas da história de uma sociedade, fazendo assim da paisagem um acúmulo de tempos desiguais." (PCN, 1998:29)

Como podemos entender uma paisagem se não através da percepção das várias camadas que a compõe em toda a sua complexidade? Camadas construídas através da interpretação da natureza, da cultura e da memória, que, quando compartilhadas amplamente por uma mesma comunidade, são capazes de constituir um caráter comum, através de um vínculo relacional.



Fig.1

"Em todas as cidades a paisagem é a natureza alcançada pela história, mas nas cidades é lugar da memória para cada um dos que nela vivem e para a urbe como um todo." (NEVES in MARTINS, 2000:20).

A cidade do Rio de Janeiro tem reconhecidamente uma paisagem ímpar, e é vista como "Cidade Maravilhosa" exatamente pelo fato de ter criado ao longo dos anos de sua construção esta percepção compartilhada das várias camadas formadoras da sua paisagem natural, urbana e cultural, constituindo um patrimônio tangível e intangível que se reflete na relação entre as áreas verdes, as praias, e as montanhas, com a paisagem construída. Todas estas camadas são peças de um quebra-cabeças que resulta na construção da memória local.

Mas é claro que a paisagem natural carioca, que "parece cingir a cidade" (NEVES in MARTINS, 2000:27), teve sempre um papel definitivo e de extrema importância na

sua formação e desenvolvimento, outorgando *"características singulares, cuja manutenção favoreceu a diversidade visual local e significa valorizar algumas permanências depois de um longo processo de artificialização."* (TARDIN, 2008:51)

3. O processo de construção

É nos possível especular sobre a origem desta estreita relação. Talvez tenha sido fixada na ocasião da descoberta da cidade, na versão de Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878), a 1 de Janeiro de 1502, quando a própria paisagem foi utilizada para dar nome à cidade. Por conta da crença de que a entrada da baía de Guanabara fosse a foz de um grande rio e sendo o mês corrente Janeiro, batizou-se então a nova terra: Rio de Janeiro (SANTANA, 2009:10). Esta conexão então firmada, originará um processo de formação da cidade apoiado, mas também extremamente condicionado, pelas características da paisagem natural carioca.

Desde então, reforça-se essa condição de interação estreita entre construir a cidade e se adaptar a paisagem existente. A primeira relação óbvia se dá logo na escolha do sítio para a construção da cidade. Entre as quatro principais colinas existentes, Morro de Santo Antônio, Morro de São Bento, Morro da Conceição e Morro do Castelo, a cidade permaneceu limitada por três séculos em busca de segurança para o seu território. (ABREU, 1987:35)

Superados os três primeiros séculos, passando pela promoção a capital do país, em detrimento de São Salvador da Bahia (BUENO, 2003:106), durante o ciclo do ouro no século XVIII, *"os contornos da paisagem carioca começaram a ser delineados de maneira mais sistemática"* (MARTINS, 2000:16). Uma das primeiras e mais marcantes intervenções se deu *"no ano de 1783, quando o Rio de Janeiro assistiu à inauguração do Passei Público que o vice-rei d. Luiz de Vasconcelos e Sousa mandara construir no lugar da antiga lagoa do Boqueirão da Ajuda."* (NEVES in MARTINS, 2000:20).

Mais tarde, *"com a presença da corte portuguesa, a até então cidade colonial, transformada paradoxalmente em sede do império português, passa por uma metamorfose. (...) que incide fortemente sobre a construção da imagem do Rio de Janeiro."* (NEVES in MARTINS, 2000:25). O estabelecimento da família real no território brasileiro em 1808 (SANTANA, 2009:13), resulta numa série de intervenções para permitir adequação a nova realidade da cidade levando ao aterro de novos charcos na zona central e o avanço de uma primeira linha de expansão da cidade fora do polígono dos morros supramencionados.

O desenvolvimento acelerado em todo o século XX, quando, *"a paisagem, moldura imprecisa da cidade colonial, (...) marca de identidade da cidade e do país, (...) assume (...) a função de suporte deslumbrante da ordem e do progresso, (...) representando a cidade capital e, portanto o país"* (NEVES in MARTINS, 2000:30), marcará mais profundamente esta relação de adaptabilidade entre construir cidade e ser paisagem natural. O Rio de Janeiro passa então por inúmeras intervenções, construindo a metrópole fragmentada de 12 milhões de habitantes que vemos hoje. Durante todo este processo a cidade do Rio de Janeiro manteve sempre esta estreita relação com a paisagem natural que o conforma, ora em harmonia, ora em conflito.

4. Estado de tensão

Não obstante a estreita relação existente, percebe-se um certo estado de tensão, conjugado com uma impressionante harmonia no que diz respeito à capacidade de adaptação da cidade construída. Ambos são frutos do processo de adaptação permanente da cidade e resulta na construção de uma identidade territorial potencializada pela paisagem.

A conexão com os morros, charcos, o mar e a baía, conduziu o desenvolvimento da cidade e da metrópole como um todo, a um processo de dominação permanente da paisagem através de diversas formas de interação e de adaptação para permitir a acomodação de uma cidade que só é inteira na própria relação entre ser urbano e ser natureza.

Neste processo alternam-se ações de ruptura e de integração.

Dos processos de ruptura mais significativos destacam-se os desmontes dos morros do Castelo e de Santo Antônio, que outrora serviram de base para o estabelecimento da cidade. Tal ruptura dá-se durante a primeira metade do século XX e é acompanhada da abertura de túneis cruzando os grandes maciços florestais. Neste mesmo período e além, observa-se o avanço sobre o mar e lagoas, com a construção da Zona Portuária e da Avenida Beira Mar nos primeiros anos do século XX, do Parque do Flamengo e da Lagoa Rodrigo de Freitas nos anos 50. Mais tarde, nos anos 70, a famosa praia de Copacabana também sofrerá uma intervenção que aumentará significativamente sua extensão de areia avançando sobre mar.

Foi também uma realidade deste processo a ocupação desordenada de encostas verdes, num misto de regularidade permissiva, para os ricos, e irregularidade necessária, para os pobres.

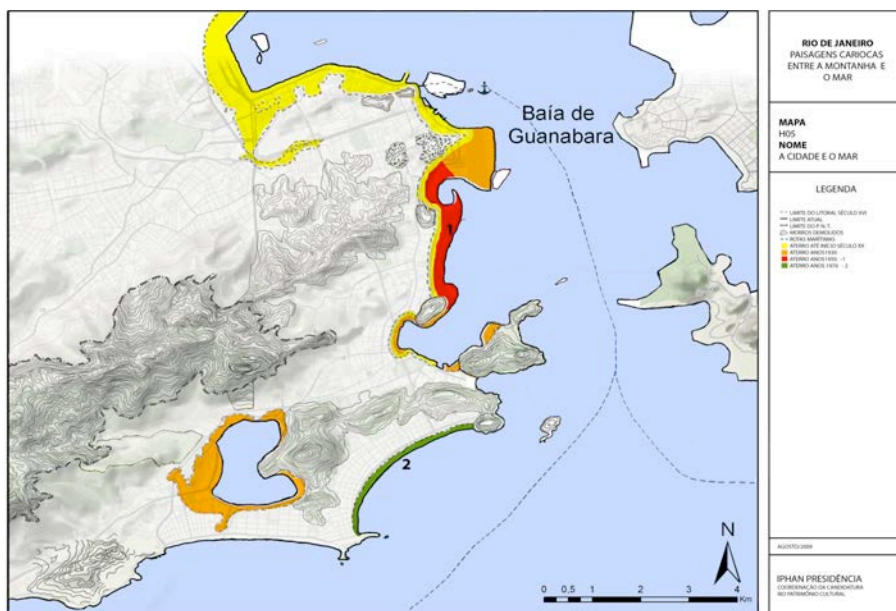


Fig.2

É preciso destacar também a potencialização de diversos marcos naturais através da ação do homem, como a construção da escadaria e Igreja da Penha (como atual, 1906), o acesso por "bondinho" ao Pão de Açúcar (1912), e a construção do Cristo Redentor (1931) no alto do morro do Corcovado, que se tornaram marcos da paisagem cultural metropolitana, "*principais elementos de identificação do Rio e, por extensão, do país.*" (CHIAVARI in MARTINS, 2000:56).

Os mesmos monumentos naturais da paisagem carioca, são elementos, não só de referencia geográfica como também cumprem um papel importante no imaginário social. (CHIAVARI in MARTINS, 2000:69). Estes elementos cénicos e espaços de interesse histórico-cultural constituem os principais conteúdos visuais da paisagem deste lugar, fazendo-o distinto na sua constituição e no seu reconhecimento, determinando particularidades locais e a sua qualidade e diversidade visual. Em suma, constituindo o seu caráter.(TARDIN, 2008)

5. Compartilhar a paisagem

A paisagem carioca construiu, e constrói, seu caráter coletivo neste estado de tensão harmónica entre o homem e a natureza. Os principais símbolos da cultura e memória carioca estão situados exatamente neste ponto de tensão: o Corcovado, o Pão de Açúcar, a Baía de Guanabara, a Floresta da Tijuca, "*institucionalizada a partir de 1861 por instruções de d. Pedro II, e que constitui o primeiro exemplo de reconstituição da capa vegetal com dominância de espécies nativas, e corresponde hoje à maior floresta urbana do mundo*" (CHIAVARI in MARTINS, 2000:71), as Praias e (por que não?) as Favelas.

Todos estes símbolos formaram-se a partir de diferentes formas de interação entre homem e paisagem e todos são amplamente compartilhados por quem vive na cidade e na metrópole. Talvez a praia seja a maior representante desta característica, onde a diversidade sócio cultural permite a interação igualitária, quase, sem preconceitos, onde seja qual for a renda, a cor de pele, ou a nacionalidade, todos compartilham da paisagem natural, cultural e urbana, ou seja do conjunto de camadas que formam a paisagem como um todo. Também os grande marcos paisagísticos naturais, referências fixas do imaginário como a baía de Guanabara, as montanhas e os marcos construídos por apropriação do homem como o Cristo Redentor, a Igreja da Penha e o Pão de Açúcar, fazem este papel integrador extrapolando a escala do núcleo da cidade, alcançando uma escala mais larga: metropolitana. É possível que este caráter compartilhado de paisagem seja a liga que permite a existência de uma certa coesão e harmonia social, em que pese as dificuldades e diferenças tão marcantes no quadro social carioca. Mesmo no mais distante ponto da metrópole compartilham-se os principais elementos e símbolos que constituem a estrutura paisagística em questão.

Também é possível que nenhuma outra cidade no mundo possua tamanha cumplicidade entre ser metrópole e ser natureza. O Rio é "a metrópole da roupa de banho" (LESSA, 2001:246), e sendo ao mesmo tempo, duas coisas que parecem tão antagónicas, surgem pontos de tensão, e como maior símbolo destes: a Favela.

6. A tensão que é solução

A Favela é vista, por vezes, como uma "entidade do mal", destrutiva, que arrasa as encostas verdes, entre tantos outros malefícios pregados constantemente tendo como base a falta de entendimento do processo como um todo. Sob esta

perspectiva a Favela estaria necessariamente em clara dicotomia com o que é a paisagem a cidade.

Mas a Favela é parte da cidade e, assim como outras camadas da paisagem carioca, é também cultura e memória em estreita relação com a paisagem natural.

É também verdade que áreas verdes, especialmente em encostas, sua vertente mais visível, foram destruídas para serem ocupadas pelos pobres, seria desconsiderar a realidade não observar este passivo ambiental existente. Porém compreendendo a paisagem como o somatório entre cultura, memória e natureza, é possível uma aproximação diferente deste tema.



Fig. 3

Utilizando uma outra "objetiva" de observação, é possível entender a Favela como parte da paisagem carioca. Uma resposta construída em conformidade com as possibilidades, ou a falta delas, que a sociedade disponibilizou nos últimos 100 anos para os mais pobres viverem na cidade. A escassez de oportunidade de crédito e de infra-estrutura urbana fez com que os pobres construíssem suas moradias onde e como lhes foi factível: na irregularidade, em áreas ambientalmente frágeis, o mais próximo possível do núcleo da cidade e do emprego. Desta forma, adaptaram-se à paisagem natural e cultural apresentada, construíram a "paisagem do possível", fazendo também parte do processo de dominação e integração à paisagem iniciada no momento da fundação da cidade.

O tema das bases de formação das Favelas é complexo e fundamental para o entendimento. Em que pese a importância reconhecida, não será desenvolvido

neste artigo de forma aprofundada já que resultaria num texto específico a ser tratado adequadamente em outro momento.

Não obstante, o que se pretende reter do tema para entendimento deste artigo é que as Favelas são parte da paisagem carioca, logo compõem uma das camadas formadoras do seu caráter.

7. A força do caráter da paisagem carioca

A 01 de Outubro de 2009, foi possível observar a força do caráter da paisagem carioca.

Durante a disputa entre cidades candidatas a receber os Jogos Olímpicos de 2016 em Copenhaga, o Rio de Janeiro destacou-se claramente pela venda de sua imagem através da sua paisagem. Os morros, as praias, o verde, o mix com a cidade, e o jeito de ser carioca foram pontos importantes para impulsionar os argumentos que vendiam a cidade como lugar ideal para a maior festa do desporto mundial. Deu certo!

Porém, passada a euforia da vitória, foram levantadas inúmeras críticas à proposta, uma das maiores foi relativa ao desenho do projeto olímpico, sendo, também, de cunho paisagístico: apesar da exposição marcante dos símbolos da paisagem carioca na candidatura remetida ao Comitê Olímpico Internacional, os principais equipamentos e investimentos propostos para os Jogos de 2016 estão situados, exatamente, numa zona de expansão da cidade que não compartilha estes símbolos: a Barra da Tijuca. Compra-se gato por lebre.

A zona de expansão da Barra da Tijuca constitui-se de um projeto modernista desenhado por Lúcio Costa no ano de 1969 (COSTA, 1995:344) possui elementos de uma paisagem de inegável valor natural mas não são os mesmos símbolos que constituem a “cidade maravilhosa” (MAGALHÃES, 2007:203). A cadeia de montanhas, que na Barra da Tijuca é vista pelo lado oposto, não é capaz de constituir a mesma relação com os símbolos mais importantes que constroem o caráter da paisagem carioca. Os principais marcos da paisagem e a Baía de Guanabara não são vistos, e a praia nesta região não possui a mesma tensão da “metrópole da roupa de banho” a que se refere Lessa, e que tanto encanta e caracteriza a paisagem da cidade e o jeito de ser de seu povo.



Fig.4

Na Barra da Tijuca há uma identidade diversa, uma paisagem modernista, do automóvel e do consumo. Não é por obra do acaso que a Barra da Tijuca já foi conhecida como a “Miami carioca”. (LESSA, 2001:407)

É para a Barra que os ricos e a classe média emergente se deslocaram nas décadas de 1980, a chamada década perdida, e de 1990. Um movimento claramente relacionado com a degradação da cidade e sua recusa, vinculada principalmente à questão da violência. Em contraponto, disponibilizava-se a possibilidade do novo eldorado urbano, dos condomínios fechados e das grandes superfícies de consumo.

Ainda assim, pode-se observar a força da paisagem e do sentido de ser carioca: hoje, dentro do processo de recuperação da cidade como um todo e do aumento da auto-estima dos cariocas, também a Barra da Tijuca procura compartilhar os símbolos da paisagem carioca. Este desejo, que não pode ser satisfeito naturalmente, acaba por criar situações caricatas como a reprodução dos principais símbolos da paisagem em meio a outras tantas reproduções “kitsch” e americanizadas características da região. (MAGALHÃES, 2007:254)

8. Oportunismo da paisagem

Recentemente (Junho de 2012), foi apresentada a candidatura da Paisagem Cultural da Cidade do Rio de Janeiro a Património Cultural da Humanidade da UNESCO.

Em que pese o facto de ser ainda escassa e difusa a informação disponibilizada sobre o tema, parece possível tecer comentários estruturais à candidatura a partir do documento apresentado pelo Prof. Dr. Rafael Winter Ribeiro (UFRJ) intitulado “O Projeto Paisagem Cultural do Rio de Janeiro: uma experiência de trabalho” na ocasião da Conferência “Cidade Sustentável: expressão do século XXI” realizada pelo Instituto de Arquitetos do Brasil-RJ, dentro da programação da Rio+20.

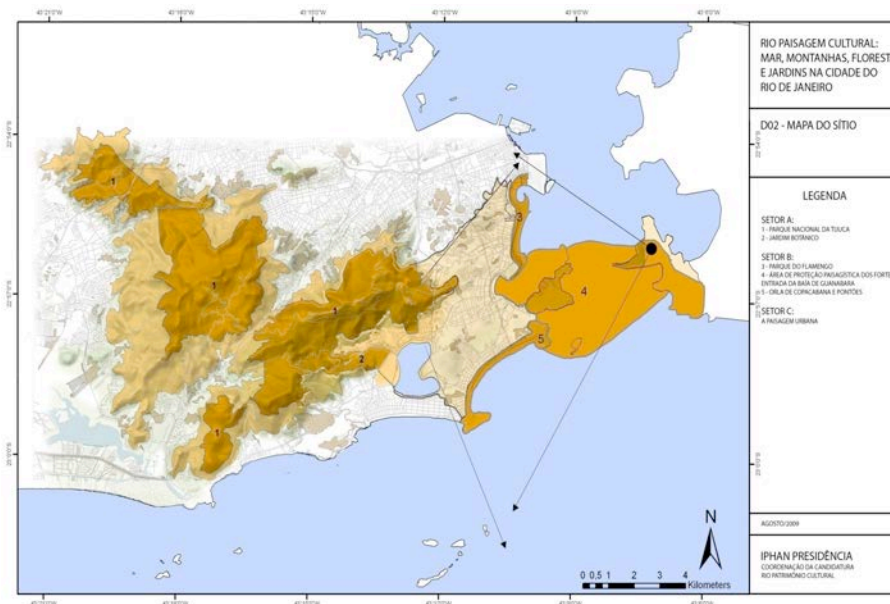


Fig.5

A proposta visa enquadrar a paisagem carioca nas diretrizes de preservação que constituem o tema "paisagem cultural" adotado a partir de 1992 pela UNESCO recebendo então a chancela da mesma.

O desenho apresentado no dossiê da proposta procura demonstrar a importância da paisagem carioca em diferentes aspectos, tenta agregar a paisagem natural, cultural e urbana numa proposta única e inédita no mundo.

De forma expedita colocam-se as bases do dossiê onde são definidas três categorias de paisagem: (i) *Paisagem desenhada intencionalmente - representada pelo Jardim Botânico, Parque do Flamengo e Orla de Copacabana*; (ii) *Paisagem organicamente em evolução - na subcategoria paisagem contínua - com os elementos naturais pertencentes ao sítio, e principalmente o Parque Nacional da Tijuca e suas florestas replantadas*; e (iii) *Paisagem Associativa - representada pelos diversos elementos que receberam a mão do homem e cujas imagens associadas, retratadas desde os primeiros anos da colonização até os dias atuais, projetam a cidade e a cultura do Rio de Janeiro no Brasil e no mundo.* (RIBEIRO, 2012)

O sítio "Rio Patrimônio Mundial" proposto como área de preservação é o indicado pela cor laranja mais escura na figura 5. Observa-se que inclui basicamente a ambiência da entrada da Baía de Guanabara, seus fortes e marcos geográficos, o maciço da Floresta da Tijuca, o Cristo Redentor, o Jardim Botânico, e as grandes intervenções de avanço sobre o mar que se concretizaram sob projeto do paisagista Roberto Burle Marx (1909-1994): o Parque do Aterro do Flamengo e a Praia de Copacabana e seu "calçadão". A zona em laranja mais claro apresentada na figura 5, mesmo tendo reconhecida importância, está excluída da zona pretendida para a chancela da UNESCO, foi então chamada de "zona de amortecimento".

Não obstante a importância da inserção do debate sob uma perspectiva mais alargada do conceito de paisagem, a proposta limita o entendimento das potencialidades da paisagem carioca, circunscrevendo-se a uma "zona de conforto" e abrindo mão de áreas fundamentais para a consolidação da paisagem cultural da cidade e da metrópole. Ficam de fora importantes elementos, como por exemplo, todo o tecido construído da cidade, o subúrbio, e em especial, as zonas centrais históricas onde se concentram símbolos e valores fundamentais para a preservação da memória local como o coração da cidade histórica na Praça XV de Novembro. Exclui-se ainda a baía de Guanabara como um todo, relativizando a importância de sua força paisagística como elemento estruturador da metrópole. Entre tantos outros elementos que compõe a paisagem cultural carioca colocados de lado, talvez o mais significativo seja a exclusão das Favelas da zona de delimitação para a definição do que seria uma paisagem cultural carioca a ser preservada, mesmo quando estas se situam em área limítrofes às elegidas. Como excluir desta proposta o berço do samba e de tantas outras características fundamentais da cultura e da memória carioca? Tal postura nos remete ao triste facto de que as Favelas eram proibidas de serem representadas nos mapas do Município até a década de 1990, já que eram consideradas áreas de caráter transitório, quando há muito já se percebia seu traço definitivo.

É compreensível a dificuldade de se criar uma estratégia que permita este tipo de candidatura numa cidade de paisagem tão complexa como o Rio de Janeiro. Podemos mesmo perceber os motivos políticos vinculados ao tema. Porém é fundamental, inclusive para a UNESCO, que o discurso se estruture coerente com a proposta. Se a ideia é reconhecer a paisagem cultural carioca é preciso percebê-la por inteiro e não apenas pelas suas obras primas, naturais ou construídas pelo homem.

A tensão existente entre o discurso político e a proposta técnica levanta uma série de questionamentos como por exemplo: uma candidatura desta não acaba por ser uma atitude oportunista que pretende, a reboque do momento positivo da cidade, pressionar politicamente na conquista da chancela?

O resultado da candidatura até o fim da elaboração deste artigo ainda não é público, aguardaremos para avaliar mais tarde o posicionamento da UNESCO.

9. Considerações finais

Debatemos e ratificamos a importância do entendimento da paisagem através da percepção de suas várias camadas, formadas através da interpretação da natureza, da cultura e da memória. Observamos que no Rio de Janeiro esta percepção compartilhada construiu um caráter comum, através de um vínculo relacional que permite que toda a metrópole compartilhe símbolos da paisagem.

Vimos, que mesmo após intenso processo de artificialização na construção da cidade, a característica principal da paisagem carioca é a busca de sinergias num processo de adaptação entre cidade e natureza através de ações variadas por vezes de ruptura por vezes de integração.

Nesta relação antagônica de ser a "metrópole da roupa de banho", posicionam-se as Favelas, que devem ser entendidas sob uma outra "objetiva", numa perspectiva positiva em relação à constituição da paisagem carioca.

Observou-se também a dificuldade de alinhar o discurso com a ação no que se refere ao reconhecimento da paisagem como objeto complexo. Confunde-se oportunidade com oportunismo, a força da paisagem carioca é utilizada como forma de conquista de aspirações importantes mas as ações não convergem na mesma direção. Vimos isto analisando o modo como as candidaturas para as olimpíadas e para a UNESCO tratam o tema da paisagem criando uma certa "panaceia da paisagem".

Quando Elizabeth Bishop simplifica ao dizer que: "*O Rio de Janeiro não é uma cidade maravilhosa, é uma paisagem maravilhosa para uma cidade,*" deixa escapar a complexidade que compõe a paisagem carioca, "*geradora de maravilhosa fusão entre terras e águas, planície e montanhas, (...) com a vida e os costumes locais, determinando a valorização de uma especificidade carioca que, no entanto, se tornou o cartão de visita do Brasil.*" (CHIAVARI in MARTINS, 2000:68).

Não obstante a importância e a pujança da natureza existente no Rio, capaz de congrega e estruturar a metrópole, destacando a plasticidade inerente à sua natureza, devemos perceber "*também a dimensão cultural de seus habitantes e da sua vida cotidiana.*" (MARTINS, 2000:16). Conjunto que define realmente o caráter da sua paisagem, só percebido na relação entre as diversas camadas que a compõem sem deixar de lado a diversidade e a riqueza da sua cultura, da sua memória, e claro, da sua exuberante natureza. Elementos que definem e são definidos no exato ponto de tensão entre ser metrópole e ser paisagem natural.

Nota

1. Este artigo foi desenvolvido como parte de um estudo de investigação financiado com fundos da Fundação para a Ciência e a Tecnologia sob o Quadro de Referência Estratégico Nacional/Programa Operacional Potencial Humano.

Legendas*

Fig.1 – Rio de Janeiro: conjunto único de referências naturais que em sinergia com a construção da cidade constituem o caráter da paisagem carioca. Autor: não identificado. Fonte: <http://www.blog.letspicture.com.br> (consultado em 01 de Junho de 2012).

Fig.2 – Mapa indicativo dos principais avanços sobre o mar e lagoas na cidade do Rio de Janeiro. Fonte: RIBEIRO, R.W. Apresentação da Candidatura para a UNESCO.

Fig.3 – Adaptação e sinergia: A montanha, a Favela Santa Marta, o Bairro de Botafogo e o Aterro do Flamengo. Autor: Hervé Théry. Fonte: <http://www.cliophoto.ciclonautes.org> (consultado em 01 de Junho de 2012).

Fig.4 – Imagem da Proposta Olímpica para 2012 vs. Panorama da Barra da Tijuca e reprodução dos ícones cariocas na fachada do shopping center. Autor: Bruno Marcolini. Fonte: http://www.en.wikipedia.org/wiki/File:CasaShopping_Aerea.jpg (consultado em 19 de Junho de 2012).

Fig.5 – Mapa indicativo da zona definida para candidatura a património, nota-se a desconsideração com todas as áreas de favela mesmo quando conectadas diretamente com zonas de valor ambiental natural relevantes. Fonte: RIBEIRO, R.W. Apresentação da Candidatura para a UNESCO.

* As imagens retiradas da *world wide web*, foram, quando possível, devidamente creditadas e suas fontes indicadas através de seus respectivos sítios eletrônicos.

Referências Bibliográficas

ABREU, Maurício de A. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO/Jorge Zahar, 1987.

COSTA, Lúcio. *Lúcio Costa: registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

DAFLON, Rogério. *Simulações feitas em computador mostram que, sem a exuberância de montanhas para compensar arquitetura duvidosa, Rio seria uma cidade bem mais feia*. <http://oglobo.globo.com/rio/simulacoes-feitas-em-computador-mostram-que-sem-exuberancia-de-montanhas-para-compensar-arquitetura-duvidosa-rio-seria-uma-cidade-bem-mais-feia-2789778> [consultado em 30 de Abril, 2011].

LESSA, Carlos. *O Rio de todos os Brasis: uma reflexão em busca da auto-estima*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Record, 2001. (Coleção Metrôpoles).

MAGALHÃES, Sérgio. *A cidade na incerteza: ruptura e contiguidade em urbanismo*. Rio de Janeiro: Viana & Mosley: Ed. PROURB, 2007.

MARTINS, Carlos (org.) *A paisagem carioca - catálogo exposição*. Rio de Janeiro: MAM/PCRJ, 2000.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: geografia/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

RIBEIRO, Rafael Winter. O Projeto Paisagem Cultural do Rio de Janeiro: uma experiência de trabalho. Conferência Cidade Sustentável: expressão do século XXI. Programação RIO+20/ IAB-RJ. Rio de Janeiro, 12 de Junho, 2012.

SANTANA, Fabio Tadeu. *Rio de Janeiro: Estado e Metrópole/Geografia*. São Paulo: Editora do Brasil, 2009.

SILVA, José Afonso da. *Direito Urbanístico Brasileiro*. São Paulo: Ed. Malheiros, 2ªed. rev. e atual., 1997.

TARDIN, Raquel. *Espaços livres: Sistema e projeto territorial*. Rio de Janeiro: 7letras, 2008.

Biografia

André Luiz Pinto (Rio de Janeiro, 1979) é arquiteto e urbanista (Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002) com mestrado em projeto e planejamento do meio ambiente urbano pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (2007) onde é doutorando e investigador do grupo Morfologias e Dinâmicas Urbanas do Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo.

Foi professor de Projeto Urbano na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2009), atualmente investiga a cidade do Rio de Janeiro sob uma perspectiva metropolitana e as tensões existentes num momento de grande mudanças vinculadas aos mega eventos programados para a cidade.

Desenvolveu na última década em diversas parcerias, programas estratégicos no Brasil, Haiti e Angola, dedicando o interesse à questão metropolitana e ao desenvolvimento de regiões deprimidas e com poucos recursos disponíveis. Foi ainda consultor do Banco Interamericano de Desenvolvimento para estudo de avaliação de projetos financiados em diversos Estados do Brasil.